

PERCEPÇÃO POÉTICA DA PANDEMIA

XXIX PRÊMIO MOUTONNÉE DE POESIA



2021

© Dos autores, 2021

Todos os direitos autorais reservados e protegidos
pela Lei 9.610, de 19.02.1998.

Curadoria e seleção
Academia Saltense de Letras

Coordenação editorial
Rose Ferrari

Revisão
Dos autores

Capa
Secretaria da Cultura de Salto

Projeto gráfico e diagramação
Mirarte Editora

Sumário

Prefácio.....	5
Poesias premiadas - Infantil	9
Poesias premiadas - Infanto-juvenil I	19
Poesias premiadas - Infanto-juvenil II	31
Poesias premiadas - Adulto	45
Outras poesias	57

Prefácio

Em sua 29ª edição, o Prêmio Moutonnée de Poesia traz algumas preciosas inovações, como a introdução de um tema, o que confere à poesia um espaço não apenas como forma de arte, mas também como expressão de uma visão alternativa do mundo. Assim, neste ano, à luz do tema “Percepção Poética da Pandemia”, em cada poema, os autores refletem os sentimentos da sociedade, em relação ao enfrentamento de situações que foram vivenciadas, cotidianamente, em um momento ímpar da história da humanidade, em razão da pandemia causada pelo novo coronavírus.

Outrossim, a parceria selada entre a Secretaria da Cultura e a ASLe (Academia Saltense de Letras), tornando esta a guardiã artística do Prêmio, justamente na ocasião em que a palavra torna-se um importante instrumento de resistência, foi, sem dúvida, uma extraordinária contribuição, tendo em vista o elevado nível do evento. De fato, foram mais de 1.000 trabalhos inscritos, com participação, além de todo o Brasil, de mais outros sete países: Angola, Moçambique, Estados Unidos, Alemanha, Itália, Portugal e Austrália, reafirmando o estímulo à diversidade, por parte do Prêmio.

Avaliar essas poesias em suas múltiplas camadas de escrita foi uma tarefa complexa e minuciosa. O texto poético trabalha com a linguagem em todos os seus níveis: semântico, sintático, fonético, rítmico, entre outros, articulando-os de forma a atingir um conjunto harmônico de efeitos de sentido que subverte a lógica da racionalização linear. Esse processo nos permitiu, assim, um mergulho no grande universo da sensibilidade e dos afetos. Foi um exercício de se deixar transportar para diferentes realidades e redescobrir a importância da conexão entre as pessoas.

Enfim, quando o que nos resta é a palavra, modelada até se transformar, como dizia Clarice Lispector, “no mais fino invólucro dos nossos pensamentos”, essa palavra pode ser a materialização daquilo que Carlos Drummond de Andrade chamou de sentimento do mundo. Nos textos aqui reunidos, a poesia se reveste do cotidiano para expressar, por meio de metáforas, sentimentos plurais: revolta, alienação, loucura, melancolia, dor, luto, esperança e solidariedade, configurando-se como uma forma de resistência ao isolamento e ao medo coletivo.

Profa. Dra. Mônica Leite de Araújo Dalla Vecchia
Coordenadora do Júri

Cadeira n° 5 Patronesse Clarice Lispector - ASLe
Graduada em Letras pela USP
Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Paris V
Doutora em Linguística Geral e Aplicada pela Universidade Paris III –
Sorbonne-Nouvelle

POESIAS PREMIADAS

CATEGORIAS:

INFANTIL

INFANTO-JUVENIL I

INFANTO-JUVENIL II

ADULTO

1º LUGAR - INFANTIL
PORTO ALEGRE - RS

O mar de Nita

(escrito quando papai e vovó estavam com COVID)

O mar é roxo,
roxo escuro,
com conchas pretas,
uma visão linda.
ondas grandes
levam as conchas,
formando um lindo formato.
Temperatura agradável,
e ostras que fazem torta de bolacha.
Uma caverna,
caverna escura,
preta, uma escuridão.
Até ver uns olhos vermelhos,
um dragão,
um dragão do mar,
não um dragão azul,
um dragão do mar comum,
um dragão de filmes.
Na verdade,

uma dragoa.
A chuva é tristeza,
lágrimas,
chovia muito,
chovia até o sol raiar,
felicidade, amor,
baleias, gatos,
ou melhor,
um gato.
O mar de Nita é assim.



Nita Gusmão Branco. Nasci com o nome de Anita, mas meu nome é Nita. Estou na quarta série e moro em Porto Alegre. Gosto de jogar beyblade. Meus animais preferidos são gato preto e coruja; minhas cores preferidas são roxo, preto e vermelho.

2º LUGAR - INFANTIL
SALTO - SP

Saudade

Um dia eu estava a fazer uma poesia,
sobre um membro da família.
Mas lembrei-me que não mais existia.
Mas minha mente insistia,
Que numa linda poesia ele voltaria.



Felipe Euzébio Pires. Estudo no Colégio Prudente de Moraes, moro em Salto e tenho 10 anos. Gosto muito de poesia.

3º LUGAR - INFANTIL
SALTO - SP

Assim eu me sinto...

Nesta pandemia,
me senti como a Rapunzel.
Presa em minha torre,
só pensei em desenhar em um papel.

No começo senti medo,
de minha família perder.
Mas com o tempo percebi,
que se eu me cuidar, vou sobreviver.

Em minha torre aprendi,
que sozinha não estou,
porque sou cercada de gente
que sempre me amou.

Passado todo esse tempo,
percebi em mim novos talentos.
Tantos e tantos,
que até poderia fazer muitos eventos.
Por fim, em uma conclusão cheguei,

é normal muitas coisas sentir
Alegria, tristeza, saudade, amor...
O importante é nunca de viver desistir.

Vivian Alonso. Tenho 10 anos e amo tudo
que envolve artes. Danço ballet, jazz e
sapateado, mas o que mais gosto é pintar e
desenhar. Adoro usar técnicas de aquarela
nos meus desenhos e presenteio meus amigos
com eles.



4º LUGAR - INFANTIL
JACAREÍ - SP

Ser Criança

Deixem-me ser criança
Sempre ouço a mamãe dizer:
Que esta fase passa rápido,
Hoje com apenas 10 anos
Compreendo um pouquinho
Do que a mamãe diz.
Devido a "pandemia"
Eu não posso sair,
E vejo quanto tudo é triste,
Vendo as pessoas partirem...
Minha vida de criança
Não é mais a mesma,
Hoje vivo intensamente,
Pode ter certeza,
Sou pequena e graciosa
E levo a vida com leveza,
Os adultos hoje em dia,
Vivem sempre na correria.
Eu vejo a vida passar
Da sacada da

Minha varanda
As pessoas não se
Dão conta
De como é bom
Ser criança...

Anna Karla G. Maiola Covre, estudante,
adora escrever contos e poesias. Nasceu no
ano de 2010. Ganhou o terceiro lugar - prosa,
no concurso Troféu Jacarezinho 2020. Foi
coautora do conto de Marisa Miras, "Peter, o
menino que morava na nuvem".
Teve como inspiração de seu texto a
lembança de seu avô.



5º LUGAR - INFANTIL
EMBU DAS ARTES - SP

Pandemia

Tenho sentido falta do seu abraço,
Tenho sentido falta do seu beijo,
Tenho sentido falta das nossas brincadeiras
No balanço no fim de tarde.
Fiquei triste em saber
Que não iríamos mais nos reunir
Entre amigos e familiares.
Com o coração partido e a alma ferida
Me doeu ver no noticiário
De que vidas foram perdidas.
O bom é saber que quase tudo
Está voltando ao normal.
Mas, ainda sinto raiva e ódio
Por saber que essa pandemia
Não só me tirou a liberdade de ir e vir,
Me tirou também parentes e amigos.

Nicolly Laysa Batista. Estudante do Ensino Fundamental, atriz, poetisa e declamadora. Nasceu em 2011. Integra o elenco da Encenação da Paixão de Cristo (em Taboão da Serra, SP). Também está no Grupo Maktub de Artes e no Grupo de Poetas Itapoésia, ambos de Itapeçerica da Serra, SP.



1º LUGAR - INFANTO-JUVENIL I
SALTO - SP

5 por 5

Deixem-me ser criança

5 por 5 é meu quarto

A pandemia começa

5 por 5 é meu quarto

Não sou mais a melhor aluna

5 por 5 é meu quarto

Perco meus amigos, eles se vão um por um

4 por 4 é meu quarto

Penso em tudo e em nada

3 por 3 é meu quarto

Quero voltar para casa

2 por 2 é meu quarto

Um ano se passou e nada mudou

Me afogo no silêncio, na incerteza, na solidão

Sinto falta do meu mundo

Vivo no modo automático

Pessoas se foram e eu também
Porém fiquei aqui no vazio em que o mundo se tornou
O normal não é mais o mesmo
Meus pais não são mais os mesmos
Eu não sou mais eu.



Sabrina Marx, estudante, 14 anos, hobbies:
ler e ouvir música.

2º LUGAR - INFANTO-JUVENIL I
SÃO PAULO - SP

Viva cada dia!

Na pandemia,
Ocorreram vários rolês:
Tive aulas online,
Me protegi de um vírus,
Comecei a fazer exercícios físicos,
Conversava com meus amigos apenas pelo celular.
Fiquei entediada,
Netflix e Disney-plus foram minhas novas companhias.
Acordava todo dia,
Ia ver como estava o clima.
Se sair já era difícil,
Imagina chegar:
Tirava todas minhas roupas e já punha para lavar,
Entrava no banho e ia me enxaguar.
Notícias ruins na televisão,
Então, entrei na meditação.
Criei muitas esperanças e sonhos para o futuro,
Mundo, mundo, você é duro!
Cantar uma canção,
Sossegava meu coração.

Dançar e tocar violão,
 Abria minha imaginação,
 Assistir TV atrapalhava minha visão.
 Lição acumulada,
 E eu fazendo palhaçada!
 Comi tanta banana assada,
 Só queria ir em um restaurante,
 Ou num zoológico ver um elefante!
 Dar gargalhadas como um gigante,
 Eita fome abundante!
 Comia, comia, comia,
 Nem minha barriga sentia.
 Continuei ligando para minha tia,
 Quem diria que o mundo pararia?
 Até que enfim, a chegada da vacina!
 Hu-hul, palmas pra medicina!
 Bora viver o Novo Normal,
 O importante é ter saúde mental!



Lisa Riba Sato, estudante do ensino fundamental, gosta de cantar, dançar, escrever poesias, cozinhar alimentos saudáveis, fazer exercícios físicos, andar de patins, andar de bicicleta e gosta muito de conversar.

3º LUGAR - INFANTO-JUVENIL I

SALTO - SP

Entre pontes e agulhas

As notícias começaram pelos jornais
 É um vírus desconhecido
 Atacando cidades estrangeiras
 Logo chegou no Brasil
 As ruas ficaram vazias
 As casas ficaram cheias
 E as almas vivas atrevidas
 Com medo da solidão
 Desfilarão em fila
 Dentro de um caixão
 Lento, rápido
 Curto, mas infinito
 A falta do ar, do abraço,
 Do calor. Sufoca...
 O abismo do vírus 19
 Ia se abrindo a cada morte
 Desse povo viril
 Dentro dele nada se vê
 Mas ainda restava uma ponte
 Onde o olhar se cruza na alma e na tela

E a claridade enche o peito
Saudade que não se vai
Esperança que se vê
E na ponta da agulha
O futuro começa a renascer



Ana Julia Vitorino Berardineli,
estudante de 14 anos com muitos sonhos.
Gosta muito de escrever e acredita que essa
seja uma forma de revolução pacífica muito
necessária. Interessa-se por diversas formas
de artes, inclusive é atriz.
Lê muito, fala muito, gosta de discutir
política. Preocupada com as outras pessoas e
com o meio ambiente.

4º LUGAR - INFANTO-JUVENIL I

SALTO - SP

Manter-se firme

Poetas perderam sua inspiração
Cantores se desesperaram
Atores pensaram: “O que será da nação?!”
As pessoas choraram...
Pensávamos: “E agora?!”
Não sabíamos o que fazer
Pensamos estar sob efeito da Mandrágora
Num pesadelo estávamos e o feito não podia se desfazer...
Mônica Calazans nos deu esperança
Ao ser a primeira pessoa
Com a vacina no braço e pensando em sua segurança,
Olhava uma lagoa
Hospitais lotados
Espalharam terror pelo Brasil
As casas vazias eram como navios não tripulados
Mesmo assim, as pessoas mudaram de estado civil...
Com a maior convivência entre família
Vieram os desentendimentos

E a falta de empatia
 Porém ainda tivemos bons momentos...
 Famílias não se viam há tanto tempo
 A saudade aumentava cada dia mais
 Inventamos novos passatempos.
 Nos disseram: “Teu próximo amais”
 Um pedido desesperado de amor
 Nos fez mudar de percepção
 E de certa forma, esquecer do pavor
 Seguindo apenas o coração...
 Muitos viram a pandemia
 Como forma de inspiração
 Para voltar à academia
 Ou criar com um lápis na mão...
 Passamos a ver o mundo com outros olhos,
 Olhos caridosos e gentis
 Pessoas cruzaram nossos caminhos
 Com mentes infantis...
 Tantas pessoas perderam suas vidas
 E outros tiraram sua própria...
 Mesmo com tantas horríveis notícias
 Mantínhamos a sabedoria...
 Pessoas se perderam
 E precisaram de ajuda para voltar aos eixos
 Amigos se encontraram
 Passamos por muitos altos e baixos
 A vida perdeu o sentido
 E a arte nos salvou...

Ninguém havia pressentido
 Até que a ave voou...
 Aves migram e pessoas fizeram o mesmo
 Em busca de melhores condições
 Tentando fugir do realismo
 E criando superstições...

Manuela Almeida Prado de Lima.
 Tenho 13 anos, adoro animais e por isso
 tenho um gato (Frajola) e um jabuti (Rubi).
 Entre meus hobbies favoritos estão: atuar,
 escrever (tenho um livro de minha autoria
 que meu pai está viabilizando a publicação),
 nadar, ouvir músicas e assistir filmes.



5º LUGAR - INFANTO-JUVENIL I
SÃO BERNARDO DO CAMPO – SP

A vida e a morte

A vida pode ser mortal, banal ...
ou ... até excepcional.
Com poderes de colocar qualquer um a loucura sem
ternura,
ou ... pode terminá-la com dignidade.
que o seu próprio anjo da guarda entenda tua piedade. -
Que tribunal desgastante ... o pior que já vi.
Neste purgatório...confinado ...farto.
No lado direito o teu “deus” com roupas surradas diz:
-Que tua fé lhe cure meu filho. Em voz baixa ...sou falho.
No lado esquerdo a morte em seu esplendor, cansa numa
discussão sem esperança.
Oferecendo riquezas e poder pobre zé!
Enquanto a vida lhe oferece apenas lembranças,
machucados e feridas,
dizem que Deus é amor e fé. A morte berra para ser
ouvida:
Até quando suas mentiras acabarão em luz e graça?

E não me venha falar que estou mentindo nessa hora,
a ponto de blasfemar seu nome e tanta cova.
- Atrevido!
Mas, sua vida meu filho importa tanto pra mim, disse
Deus, enquanto eu queria me opor aos meus.
Se vivemos como ratos e morremos apenas para descobrir
se há ou não vida após a morte?!
... então que o próprio diabo venha até aqui para me julgar
e que meu anjo da guarda me proteja ... nessa sorte.
Escolhas!? No final descobre que o inferno não pode ser na
Terra e nem no céu,
... mas sim no juízo da mente, soprando como vento em
folhas.

Rafael Tomoyose Prado tem 12 anos,
estudante. Iniciando no mundo da escrita,
vem descobrindo seu talento e novos
caminhos para superar os desafios da
atualidade.

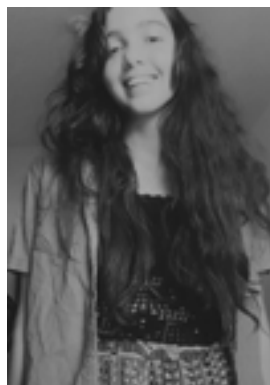


1º LUGAR - INFANTO-JUVENIL II
FORTALEZA – CE

Inevitável dor

Desigualdade bate à porta do desespero
Nas inequidades inequívocas do medo
Em faltas de ar anfractuosas
Aos cadáveres e covas
Visíveis pelas frestas das janelas entreabertas
Anunciando ansiedade mórbida
Sob cálida luz das noites tortas
Dos doentes pálidos afogados
No próprio pulmão
Ao vírus autofágico que tanto mata em vão
Na ciência jogada às esquinas, bêbada
Deixada de lado, ignorada nas ruelas sóbrias
Na dor de cor, nas favelas e no beco sórdido
Pandêmicos exaltares mórbidos
Nos intercalares de passados vazios
Aos medicamentos falsos que matam
Propagados e defendidos por quem os exalta
Em face arroxeadada propalando dor
Quisera eu, fosse amor
Dos fins sem finalidade

Na inequidade de um tempo angustioso
 Que se veste alarde
 E ainda assim se vê sinuoso
 Na prisão interna necessária
 Repleta de lástima
 À lágrima doentia
 Fosse outrora morta em cemitérios vazios
 Mas, a penumbra pestilenta mata em pulmões mucosos
 Em veias rubras e pesares estáticos
 Na pulsante espera pelo transmutável
 Que parado é mais inexorável
 E afoga-se em dor (inevitável).



Livia Isidio Coelho. Sempre apreciei bastante a forma da estruturação de palavras em um texto e como essa estética, jamais estática, pode trazer os mais variados significados. Desde nova, escrevo textos e já fui correspondente do Jornal O Povo em 2016, onde escrevia pequenos textos sobre diferentes temas. Hoje, escrevo só no bloco de notas mesmo, mas ainda espero, no futuro, poder espalhar as palavras em um livro.

2º LUGAR - INFANTO-JUVENIL II

SALTO - SP

Pela minha janela

Pela minha janela eu admirava
 O passarinho cantando da manhã até a madrugada,
 A menina que pulava corda
 O menino que jogava bola

Pela janela eu via toda rua
 Que era cheia nos dias mais claros e nas noites mais
 escuras
 E na rua que eu via sempre lotada
 Hoje só tem um pássaro sozinho, que nem canta mais
 nada
 O céu deixou de ser tão azul, as noites parecem mais
 escuras
 Pela janela eu só via máscaras e lixos nas ruas

E os laços de felicidade que aqueciam minha alma
 Foram trocados por uma saudade que ninguém explicava
 E aquela rua cheia que eu admirava
 Virou uma pandemia
 Onde cada família

Ficou isolada

E eu olhava pra janela e me lembrava
Da rua cheia que está abandonada
Meu peito com saudade sempre apertava
Olhando a rua vazia da janela de minha casa

Eu vi escolas, praças, parques vazios
Eu via o pássaro calado voando sozinho
E foi aí que eu descobri o peso da distância
Mas a espera nunca matou minha esperança
Nem o vazio da saudade e a amargura do isolamento
Podem mudar meu mais esperançoso pensamento
A esperança de olhar pela janela a qualquer momento
E ver as pessoas subindo e descendo
Mas agora as coisas estão voltando ao normal
Porém por mais que o tempo e o vírus passe
Nunca mais será igual
Mas meus olhos ainda brilharam e
O meu coração ainda esquentara com a emoção
De ver aquela solidão passar

E ver a rua cheia aqui da minha janela
O menino voltando a jogar bola
A menina voltando a pular corda
O passarinho voltando a cantar

E a cada dia que passa

A rua volta a se movimentar
Devagar eu sinto a alegria
De ver a rua deixando de ser tão vazia
E quanto à vacina e restrições eu já não tenho pressa
Minha felicidade é ver o mundo voltando ao normal
Pela minha janela.

Nicolas Ferreira da Silva, 15 anos. Sou músico e professor de patinação, apaixonado por livros e poemas desde sempre. Na minha concepção, aos 7 anos comecei a escrever livros e poemas e não parei até hoje. Tenho ao todo 4 livros, 2 softback e 3 poemas, todos de minha autoria. Essa é minha primeira participação em um concurso. Nunca compartilhei minhas modestas obras, mas, por incentivo de uma professora, decidi me inscrever na premiação.



3º LUGAR - INFANTO-JUVENIL II
ITU - SP

Infectado por vírus que não peguei

Lembro do dia que tudo começou
A escola por 14 dias regressou
A felicidade meu coração tocou
Pensava em um descanso
Ficar 14 dias na cama manso
Por 14 dias descansei
Depois de um tempo nada mudou
Depois de um tempo tudo ficou
Depois de um tempo o tempo parou
Em casa trancado
meu corpo acelerado
Coração desesperado
Meu coração apertado
Sem respirar fico fraco
Não sei o que está acontecendo
Meu corpo por inteiro tremendo
Minha mão sozinha mexendo
Meu batimento rápido correndo

Meu pé pra cima e pra baixo descendo
Ao passar pelo cômodo de casa
Ouço apenas gritos e sangramentos
Não faço, não penso, não passo
Quando passo, a lâmina a me namorar
Quando penso na fina lâmina a me encostar
Quando faço o braço a sangrar
Meu primeiro sorriso do mês estou a esboçar
Só peço que isso acabe
Que tudo isso normalize
Já não serei o mesmo
Com uma blusa sempre com medo
Com uma máscara sempre temendo
No braço cicatrizes
no meu rosto duas máscaras
Uma para me proteger
Outra para eu mesmo me querer
Ao passar dos meses
O mundo se desdobrando
Minha felicidade acabando
Triste saber que em meus sorrisos
Meu braço estou sangrando
Coisas estou conhecendo
Coisas estou entendendo
Pessoas estou perdendo
Quero ao mundo me reconectar
Quero meus amigos reencontrar

Quero minha pele parar de arrancar
Quero pela lâmina parar de sangrar
Apenas peço pra isso tudo acabar



Guilherme Rodrigues de Menezes.

Nascido na capital paulista, se mudou cedo por problemas respiratórios. Começou na poesia como uma maneira de expor seus sentimentos.

4º LUGAR - INFANTO-JUVENIL II

SALTO - SP

Desordem e retrocesso

A pandemia deixou exposta a hipocrisia,
Revelou a ironia que envolve esse país,
De quatro em quatro anos o circo está armado
O povo está aplastado, pois se encontra desmantelado,
Esperando a salvação.
Os hospitais e os colégios que já eram privilégios
Na pandemia se agravou, escancarando a desigualdade,
Brutalizando a equidade, assassinando a liberdade,
De quem um dia já sonhou.
E no pulmão do mundo oxigênio virou regalia,
Os leitos se tornaram anomalia na vida de quem
Não aguenta mais chorar, é a criança sem escola,
O adulto sem trabalho e as contas a pagar,
Diante do prato sem comida e com tristeza
A mãe se põe a orar,
Porque sabe que no final do mês
Não é o auxílio emergencial que vai ajudar.
Agora a morte convida a todos para uma dança solitária

De forma igualitária, sem deixar ninguém se preparar,
 Levando o meu pai e mais meio milhão, me deixando sem
 chão.
 Sem ter como me amparar.
 Hoje a minha terra não tem palmeiras e tão menos
 sabiás,
 Meus bosques não possuem flores,
 Pois queimaram minhas cores
 Refletindo durante a noite encontro motivos para chorar.
 A desolação se faz no egoísmo e em seu excesso,
 O progresso virou regresso e se pôs a desabar
 Não permita Deus que eu morra
 Sem antes tentar mudar.
 Pois ainda tenho confiança e não é no ódio e nem na
 ganância
 Que a situação irá mudar,
 Mas sim no sorriso de uma criança que.
 Exala esperança e continua a brilhar.
 Literatura, respeito, educação,
 Simplicidade, amor, mansidão,
 Carinho, amizade e união.
 Tudo isso acalenta o coração,
 Sustenta-nos para procissão, concedendo motivos para
 continuar.

Lutemos por todos aqueles que já se foram
 E não deixemos que se tornem apenas números,
 Mas sim verdadeiras estrelas que postas no céu
 Tenham motivos para se orgulhar.

João Vitor Agostinho Rodrigues cresceu na cidade de Salto, e ama tudo que ela tem a oferecer. Em apenas 17 anos de vida, já conhece a biblioteca tão bem quanto a sua própria casa. Quando não está lendo ou mesmo escrevendo, pode ser encontrado praticando esportes ou descobrindo novos lugares para ler. Seus hobbies incluem assistir filmes de romance e cozinhar comidas diferentes.



5º LUGAR - INFANTO-JUVENIL II
SALTO - SP

Eu me cansei

Cansei dessa incerteza de estar segura ou não,
Cansei desse muro que se tornou a minha prisão.
Cansei de imaginar quando as coisas vão melhorar
E esse dia nunca chegar.
O tempo corre, mas eu permaneço estática.
Vejo a minha juventude passar e sei que não posso
aproveitar
É como se eu fosse alvo de uma sátira.
Ainda assim, quero fazer tudo
E quero fazer tudo demais.
Quero sair demais, conhecer demais, amar demais,
sentir demais.
Mas como posso fazer isso
Se nem posso sair de casa em paz?
E pior é que eu nem me reconheço mais

Para onde foi todo aquele foco,
A disposição
A animação
A memória?
Cadê minha socialização e minha capacidade de
oratória?
Para onde foi a vontade de fazer amigos
De sentar-se numa roda junto com eles para rir
Quando foi que isso se transformou em um medo de ver
tanta gente junta e ter
vontade de fugir?
Quando foi que minha casa deixou de ser um lar e virou
uma fortaleza?
Quando o meu mundo da imaginação passou a ser usado
como um refúgio, e com
tanta urgência?
Quando todas as figuras que deveriam me socorrer nessa
emergência
Só conseguiram trazer tristeza?
A máscara tenta me esconder do resto do mundo.
Me protege para que eu não fique doente.
Mas não esconde os olhos exaustos e o cansaço da mente.
Porque a verdade é que eu não posso parar.
Quero descansar, sorrir, me alegrar

Porém eu tenho que continuar em frente.
Não sei quando,
Não sei onde.
Só sei que preciso continuar em frente.



Anna Flávia Nunes Oliveira Santos
gosta de escrever desde os 11 anos, quando
começou a escrever pequenos contos e
poemas para si própria.
Agora, aos 17 anos, continua escrevendo e
sendo uma entusiasta da literatura.

1º LUGAR - ADULTO
SÃO PEDRO DA ALDEIA - RJ

De farinhas, moinhos e vidas

Habito esperanças enquanto derramo o leite
que jaz
na farinha do trigo
e nas pás
pela massa que me cabe sovar e salvar em plena
quarentena.
Sou da massa que mal desperta, e
diante de mim, um cemitério que trabalhou noite e dia,
com as espátulas dos coveiros a plantar cruzes.
Manaus, caos, e cal...
O sal de nossas lágrimas órfãs,
rega sementes de saudade.
Sentenças, centenas de milhares,
o luto a percorrer lares,
o pranto, a prece, a perda,
e umbral, gatilho do mal...
Mas a esperança resiste,
sobrevive, vacina, desarma,

lança do bem dentre moinhos,
abranda a dor, abre caminhos,
faz sorriso contornar máscaras,
para a massa respirar,
crescer e crescer,
e por fim,
continuar a viver.



Cris Dakinis, nome artístico de Ana Cristina Mendes Gomes. Autora premiada em concursos literários no Brasil e exterior. Possui dez livros de poesia, crônicas e literatura infantil publicados, além de participações em antologias literárias. Página/blog: www.crisdakinis.com.

2º LUGAR - ADULTO

SÃO PAULO - SP

Enquanto permeamos a ruína

Uma sombra obscurece nossa estrada
e o que guarda o amanhã é um mistério.
De repente o ar se torna deletério
e a vida uma peleja obstinada.

Resta ainda uma longa caminhada
nos confins desse extenso planisfério
permeando as ruínas de um império
reduzido ora à terra devastada.

O temor sorve em cálice nossa alma,

mas a fé inabalável nos acalma
 revelando nossa ordem no universo:
 frações do mais perfeito ecossistema,
 um sublime e magnífico poema
 em que cada um de nós compõe um verso.

3º LUGAR - ADULTO
 FEIRA DE SANTANA - BA



Mauro André Oliveira. Bacharel em Direito e graduando em Letras, é natural de Itapipoca – Ceará, mas vive em São Paulo, onde trabalha como Policial Civil. Além da prosa, também se dedica ao cultivo da poesia, mantendo, no Facebook, a página “Soneto de Sábado”, onde compartilha um soneto a cada sábado. Já foi premiado em alguns concursos literários, além de títulos selecionados e publicados em antologias diversas.

Nos vitrais dos meus olhos

I.

O vírus se espalha
 Como areia fina ao vento
 Como água esparramada do pote
 Como lágrima do meu olho atento.

II.

Há muitos cadáveres por sepultar
 Antes, velórios por realizar Lutos que não vivenciei
 Na capela do meu corpo
 Nos vitrais dos meus olhos
 No púlpito de minhas sensações

A agulha que a epiderme toca
 A máscara que salva — e sufoca
 Os dias todos iguais

Uma contagem
Que entuba nossas horas

Pedindo
Minutos
A mais

A cada pulmão renascido
Ex sina silente do grito
Tambor que pulsa oxímetro
Que enche o peito e é sino
Da vida que vive voraz.

III.

Descobrir em casa:
Os livros que ficaram por ler
O filho, com a luz do dia
O prazer e o cansaço do sofá
Da sala ao quarto, a cozinha.

Ver repetidas vezes
A notícia do jornal
Repetidas as horas
Com celeumas e celulares: arquivos de pandemia.

A reclusão das paredes, portas
pausa compulsória
higiene e profilaxia.

As pontes e hiatos
distâncias e nós
caronas e eremitas da infectologia.

E nossos olhos esticados no horizonte
com grande desejo
que o Amanhã se remonte
em abraços de calor, carne e osso

beijos
e contágios
de alegria.

Wesley Almeida. Poeta e compositor, graduado em Letras e Mestre em Estudos Literários pela UEFS. Participou de mais de 20 antologias de concursos literários e foi o ganhador do I Prêmio Sosígenes Costa de Poesia, da Academia de Letras de Ilhéus, com o livro “Memórias Fósseis”, publicado pela EDITU - Editora da UESC.

Possui o blog Lê-Tranças:
www.letrancas.blogspot.com.



4º LUGAR - ADULTO
JAGUARÉ - SP

No ventre da noite extensa

A noite se propaga e estamos sedentos de futuro.
Na amplidão noturna, germinam emoções inadiáveis.
Uma certa urgência impregna nossos atos;
é chegado o Tempo dos gestos profundos.
As lágrimas e os sorrisos se misturam
e compõem uma nova Natureza.
No ventre da pandemora, da noite que se expande,
os êxtases do ego não são o suficiente,
porque o que se busca é uma perenidade além de nós
mesmos.
A cada reencontro virtual,
a lágrima que percorre a nossa face
não é de tristeza;
é de uma alegria que ainda não foi criada,
que estamos criando,
entre olhares eloquentes e corações abissais.
No convívio duradouro com a Morte,
as utopias não são mais ilhas longínquas.
As utopias são realidades
aguardando serem desencavadas por mãos destemidas.

Nossas perdas, nossos lutos se amalgamam
e nos conclamam a algo Maior,
que pulsa sob o asfalto onde nasceram as flores do bem.
Nosso luto deixa um rastro de encantamento,
que nos conduz à estrada das metamorfoses,
que nos induz à reconstrução dos sentidos:
tateamos os hieróglifos submersos na alma canina;
enxergamos a Vida superior que brota dos olhos infantis.
Nas entrelinhas do silêncio noturno,
acalentamos nossos filhos:
“Dorme o sono dos justos;
sonha o sonho dos lúcidos”.
Sob as máscaras covidárias,
suamos epifanias cotidianas.
Transcendemos a técnica,
recriamos a noite,
sublimamos a Esperança.

Saul Cabral Gomes Júnior, natural de Belém (PA), graduou-se em Letras. Possui mestrado e doutorado em Filologia e Língua Portuguesa. O ensaio “O romance regionalista: do panorama ao perfil” lhe valeu prêmio concedido pela Academia Paraense de Letras. Em 2020, publicou o livro “Entre a História e o discurso: olhares sobre a obra de Gladstone Chaves de Melo”.
Recebeu vários prêmios de poesia.



5º LUGAR - ADULTO
RIO DE JANEIRO – RJ

A fita de Möbius

I

Doze meses, duas semanas, vinte e oito dias
Cada detalhe de minha sala de estar brilha
Em meus olhos, rachaduras, pedaços, cores desbotadas
A textura das paredes, os quadros de madeira gasta
Conheço meu quintal como a ponta de meus dedos
Já contei duas florações da pequena aceroleira
Um verão, um outono, um inverno, uma primavera
Não há um único detalhe que eu desconheça
Pois na casa que outrora eu via apenas no fim do dia
Encontrei um universo para chamar de meu
Terno produto da infundável rotina
De uma garota presa em plena pandemia

II

O relógio bate, um, dois, três, quatro
Correm os segundos, mas deles não me desvio

Em meu ritmo particular de espera, eu conto
Os dias, as horas, para minha anistia
Em minhas letras, melodias, acompanhamentos diversos
Falo da promessa de um retorno divino
Voltar, quem sabe, aos tempos de riso
Onde meus braços encontravam outros braços
E meus lábios transbordavam do puro vinho
Gozo pela vida antes do carnaval pandêmico
Pelos tempos em que via rostos inteiros
E minhas mãos desfrutavam de companhia
Pequenos prazeres, tão logo esquecidos

III

Doze meses, duas semanas, vinte e oito dias
Os detalhes de minha sala de estar ainda brilham
Mas vejo apenas rachaduras, alegria desbotada
Pois as pontas de meus dedos anseiam por outras
O quintal e as paredes trazem apenas indiferença
Já não conto as florações da pequena aceroleira
Percebo que ainda verei muitas outras estações
Mais uma vez, outono, inverno, primavera, verão
Portanto, deixo os detalhes escaparem de meus olhos
Minha casa e minha rotina, celas de prazo indefinido
E em algum lugar da minha mente aceito o fato

De que nunca houve um outro lado da fita
Dois anos de pandemia, e no final das contas
Estive sempre no mesmo lugar
E quem sabe um dia ainda quebrarei esse ciclo
Mas agora resta apenas ao início retornar

OUTRAS POESIAS

*ORDEM
ALEATÓRIA
DE EDIÇÃO*



Giovanna do Carmo Cezar, 22
anos, carioca, estudante de Relações
Internacionais e Letras Português/Inglês.
Ilustradora e escritora nas horas vagas. Faço
da poesia meu modo de sobrevivência, paixão
cultivada desde a infância.
Espero alcançar mentes através de
minhas palavras, encontrar aqueles que
compartilhem dilemas semelhantes.

Amarga intertextualidade

Era uma vez uma casinha azul chamada terra, onde habitava Chang, que deu um suspiro e morreu, levou consigo Chun, que era amiga de Giovanna, que recentemente havia lhe visitado em seu país.

Giovanna, ao retornar para Itália, cumprimentou Giussepe, mesmo sem o conhecer.

Giussepe que era operário, morreu no trabalho, levou consigo Willian, que era taxista em New York, que deu carona para Emma, que era executiva.

Emma comprou um bombom de Rodriguez antes de partir... Rodriguez deu o troco a uma cliente que nunca vira antes... Antônia era cristã, ofertou o trocado para a igreja da cidade...

Morreu o padre que não lembro o nome, morreu Antônia.

O padre se tratara com o doutor Roberto, que também morreu, que cuidou de Angélica, que era responsável, e do seu irmão Zé Estupidez.

Angélica está muito bem obrigada.

Zé, antes de morrer, foi dar uma voltinha no bairro: abraçou a Duda, que deu selinho na Rosa, que pegou na mão do João, que espirrou por descuido em muitas filas e multidões...

Morreu o Zé, que matou a Duda, que matou a Rosa, que matou o João, que matou sem saber... Multidões.

Elpídio José Nunes Ferreira

Barreirinha - Amazonas

A pandemia e os pífaros

Havia um clima de terror.

Os encontros familiares deviam decorrer em segredo, como nos dias das catacumbas.

Os drones nos espiavam de cima, prontos para interromper qualquer tentativa de reencontro com amigos e familiares.

Nosso mundo se transformou em uma grande prisão, sem futuro nem esperança.

Um dia, ouviu-se um ritmo pulsante de tambores e flautas, de pífaros e tambores.

A música vinha do céu, o ritmo enchia os ouvidos, trovejava no crânio e batia nas têmporas.

Você sentia vontade de acordar, de sair de casa e andar.

A cidade inteira se movia ao ritmo da marcha.

Andavam como as crianças dos contos de fadas, por trás de um flautista que lá não estava.

A música levava o povo dos caminhantes para um destino misterioso.

Chegou o momento em que
a multidão alcançou aquilo
que parecia um obstáculo intransponível:
uma grande extensão de água calma.
Os mais capazes
começaram a construir barcos.
Uma grande frota navegou no mar,
sempre atraída pela música misteriosa.
Quarenta dias, quarenta noites.
Alguém remava, alguém estava a pescar.
Finalmente, chegaram a uma ilha remota.
onde não havia armas,
nem petróleo, nem plástico, nem dinheiro.
A gente decidiu se instalar
no lugar que tinham alcançado.
Era uma espécie de paraíso terrestre,
virgem, cheio de água e frutas.
Agora o ritmo celestial
havia-se transformado
em uma música de fundo suave,
misturada com o farfalhar das folhas.
A gente se espalhou por toda parte,
procurando um lugar para se instalar.
Eles começaram a construir cabanas,
fazer amizade com os animais locais,
crescer algumas plantas.
Nunca mais souberam o que tinha acontecido
no mundo que haviam deixado para trás.

Não sentiram nenhuma nostalgia
pelas moradias urbanas,
por carros ou televisores.
Andavam ocupados, em vez,
de cultivar e colher os frutos da terra
e de viver em paz com seus vizinhos.
Não ouviram mais a música
de pífaros e tambores,
nunca mais foi ouvida
nenhuma música misteriosa.

Alberto Arcchi

Pavia - Itália

compaixão

coro(n)ados pela ameaça
 que nos assombra
 constrictos
 isolados
 impedidos de nos darmos
 com paixão
 é mister aprender
 a beijar com os olhos
 e abraçar com os ouvidos.

Ana Valéria Fink
Bombinhas - SC

547 dias

A palavra casa -
 que soa no ar e de repente se repete
 dentro da gente -
 nunca teve tanto teto
 Os tetos -
 cheios de paredes e brancos -
 nunca foram tão baixos
 do que quanto hoje me acho
 as paredes-
 que antes falavam coisas
 debaixo dos meus ouvidos -
 agora são sons, silvos
 as coisas -
 que eram tão poucas e foscas
 quando ainda tinha rua -
 agora são todas suas
 as palavras -
 que eram tão foscas e frágeis
 enquanto eu dormia -
 nunca mais foram ocas
 os sonhos -
 antes vividos com outros
 traçados, cimento, tijolo -
 hoje são tão poucos
 os outros -
 que antes corriam comigo

as dores da vida em abrigo -
nem são mais amigos
a morte -
aquela que eu tanto temia
noite, tarde dia -
fez com a gente parceria
sozinhos -
diante da casa, do teto
paredes, coisas, palavras -
não somos mais nada
e os sonhos -
dos outros, da morte,
de qualquer esperança de vida
ficou pra trás
como qualquer alegria
escondida
por 547 dias

Luiz Antonio Ribeiro
Rio de Janeiro - RJ

A pandemia e a dor

Imerso em dor intensa, o povo chora,
A nova peste avança sem piedade,
Não vê barreira e nem escolhe a hora,
Espalha a virulência e a morbidade.
Atinge a todos, pelo mundo afora,
Ataca qualquer sexo, cor e idade...
A roda viva, sente o peso, e agora -
“Ficar em casa”! E nossa liberdade?
Mudança radical, tempo sombrio,
Que encharca o peito humano, de um vazio
dorido, sem prazer, sem atenção...
Transforma o dia a dia em incertezas,
Deixa-nos órfãos, fracos... só tristezas
Em nossas vidas! Haja coração!

Aila Maria Brito Silva
Cocal - PI

Casa 19

Sentados certo dia,
Rindo à beira da via,
Respirando alegria,
Amigos, abraços, amassos
O sol e a sua serenidade,
Acordamos, tal foi a verdade,
Vendo o ar da solitude,
Televisão, visão... tele.
Não toque!
Não esteja!
Amigos, abraços, amassos
Vaidade.
Conta a idade.
Reveja,
Veja.
Na garganta o nó da brevidade,
Na boca o fel da saudade,
Agora ilegalidade:
Amigos, abraços, amassos
Resiliência?
Consciência.
Casa.

Andando pelo hoje,
Ouvindo dos pássaros o canto da liberdade,
Amar, viver, escolher ...
Ida.

Vanessa Aparecida Sobrinho Ribeiro

Lutécia – SP

Enferm(idade) do (a)Teu(a) tempo

Infectada... pela distância, acusas positivo na dor, que alastra com a saudade, do cansaço que te faz vítima do que não se vê.

Confinada ao recanto, onde te fechas no (ar)dor... que é chão e colchão, do corpo que já não te pertence. Na dormência que mói, num querer... parar... só um pouco,... mas sentes que não são as tuas pernas que se movem...

...é o chão que te foge! (per)Corres(te) num esforço que dói para além do físico, sobre os estéticos tacões, com que disfarças e escondes os pés feridos e cansados. Desafias a tua própria dor, numa constante contenda, por te superares... dando (de)mais de ti.

Cais, mas não te é permitido parar, és engolida pelo chão...

...e já que aí estás, deixa-te estar...

...nesse buraco à minha espera.

Nesse cais que é porto de abrigo! É aí, contigo e em ti, que procuro atracar o meu (querer) ser. O ponto de encontro, a segurança do agarrar!

(in)Paciente do passar do tempo, nos minutos que perecem horas e que acentuam a (de)composição dos meus pensamentos.

É assim que (me) passo...

Nu(m) passo... Nu(m) cativo...

Nu(m) suicídio do tempo, sobre a salvaguarda da vida, numa (in)versa razão, para além da prosa... onde existia vida, mas não havia tempo, sobrando agora (tanto) tempo... (tanto) sem vida.

Um retorcido binómio, numa relação difícil de coabitar, entre a verdade do sonho e o pesadelo de acordar nesta realidade... tão (vir)TUa(l).

Pareces mentira, sendo a minha maior verdade...

(des)medida, sem igual... desconfi(n)ada como felina, independente e natural(mente) selvagem. Não te posso conter, apenas tentar manter... perto de mim.

O nosso historial, com o passar dos (d)anos, (des)faz-nos assintomáticos, imunes à dormência... (e)ternos (e) namorados de um infinito com tempo limitado.

Páras o tempo, em cada respirar, em cada sopro de vida que me beijas, em manobras de (re)animação, que me desprendem da necessidade de saber as horas.

O tempo já não me faz falta...

...falta...fazes-me tu...sem tempo!

Carlos Alberto Magalhães da Costa

Santo Tirso - Portugal

Acenos em Salto Poético

No princípio era o vírus,
 e o vírus estava com a morte,
 e o vírus era a morte.
 O big-bang da pandemia tudo mudou,
 a grande explosão desumana...
 E o vírus se fez trevas,
 e habitou entre nós,
 e vimos a sua força,
 a força do mal no mundo,
 de infecção e morte.
 Nos perdigotos da maldição,
 a imbecilidade mortífera,
 sem vacina, sem máscara.
 Aglomerações em contaminados canteiros,
 acenos de sepulturas por abrir.
 Da planaltina casa de vidro,
 o monstro abjeto e sarcástico,
 hiena gargalhando em delírio,
 infectou o povo e desprezou a vida.
 E o vírus se fez carne,
 carne sufocada de escuridão,
 na ausência de vida!
 Há sobreviventes no ar rarefeito,
 ainda salta poesia à flor da pele!
 No princípio era o verbo...
 Do prelúdio do seu voo

brotou a beleza do verso.
 E sua luz espalhou sonhos
 até os confins do mundo...
 Da melódica poesia resplandeceu o poeta.
 O verbo se fez poesia e
 semeou versos entre nós,
 num derramar de sons, cores e luz,
 uma pintura de encantamentos.
 Ouve-se o grito de Munch
 na ponte do horror humano,
 angústia trêmula de múmia em pânico,
 o céu sangrando a luz do sol a morrer,
 como se ouvisse eternamente
 o último dobrar de sinos das catedrais.
 Ainda assim pode-se vislumbrar
 a noite estrelada de Van Gogh
 acenando um turbilhão de esperanças.
 No campo de trigo com corvos
 é possível semear os girassóis
 a sorrir arrebatadas manhãs.
 No princípio era o verbo,
 e o verso estava com ele,
 e sua luz derramou sonhos mundo afora,
 o homem saltou das trevas e se fez poeta!
 A peste há de passar
 no voo derradeiro
 do abutre do apocalipse
 de tenebrosa maldição...

Do outro lado da parede
não há ninguém a caminhar
pela gênese de incautos versos,
a gritar por saída em beco de rua.
O vírus espreita o corpo
com mortalha solta aos ventos,
bandeira em farrapos, sem cor,
ainda que haja vestígios
de verde e amarelo em sua desgraça.
Arte é resistência,
o verso persiste, a poesia acena
no salto de um novo respirar
além da explosão desumana...

João Júlio da Silva

São José dos Campos – SP

O abraço

Um abraço
cria laços
ou os estreita
contudo
sem espaço
anda escasso
deixa o peito
em pedaços
e
enquanto o mal não passa
só espera
e espreita.

José Carlos Aragão

Belo Horizonte - MG

Intimidade

Ventania em compasso de (o)dores.
 Penso nos respiradores,
 na copa das árvores.
 Pássaros não usam máscaras.
 Semanas atropelam asas.
 Sempre uma vírgula no ninho,
 carinhos contra a mão do abraço.
 Humanos dentro da gaiola.
 Horário inventa relógios.
 Histórias surpreendem ponteiros.
 Peito agora pousa na tela,
 mudando o sopro de direção.
 Escritório pausa rotinas.
 Em seus instrumentos de cura,
 vacina e empatia regem movimentos.
 Concertos da fé afinam dias.
 É preciso acordes para lavar a alma:
 lágrimas já inundam o bastante.
 Temperar-se no sol travesso.
 Rastrear o amor e atravessá-lo.
 Tão necessário lustrar assoalhos,
 pintar chãos abatidos.
 Decorar ambientes e superações.
 Revestir a casa de dentro.

Rita de Cássia Alves

Balneário Barra do Sul – SC

Tempos Insólitos

Um reinado pungente de ignorância e desavença,
 Distribuindo seu veneno de maldade e descrença.
 Diminuto dissimulado se esbanja em crescimento,
 Deixando para trás um rastro de dor e abatimento.
 Forte presença aterradora que faz o ar se esvaír,
 Corpos dessaturados buscam forças para resistir.
 E pulmões fatigados que se digladiam para viver,
 Em um desejo ardente e insano para não perecer.
 E a Morte sobrevoa os aflitos como ávida rapina,
 Asas abertas sobre perdas que se tornam rotina.
 Anjos alabastrinos tentam findar todo sofrimento,
 Tolos crendo em cura charlatã sem medicamento.
 A Solidão se alastra como uma perversa daninha,
 Faces ocultam um sorriso aprisionado que definha.
 A sobrevivência exige um forte e longo isolamento,
 O Arauto Mitológico causa perda e constrangimento.
 Enquanto as lápides sem lágrimas se multiplicam,
 Fanáticos dirigentes imperitos apenas prevaricam.
 Sôfregos resolutos lutam para se imunizar da dor,
 E buscam vencer o inimigo com Ciência e Amor.
 O mundo sonha toda noite com um Novo Normal,
 Mas terá que se conformar, pois nada mais será igual.

Neila Reis da Silva

Feira de Santana - BA

Agonia

Não ouve um adeus
somente partida
vazio na alma
sem flores nem vigília
Ciclo interrompido
se construía?
pai, mãe, amigos
planos sem despedidas
Silêncio no quarto
lágrimas, saudade
salgando a boca
não houve um adeus
partida lacrada
passageira a vida
ausência na sala
cadeira vazia

Edimilton (Sf) Silva dos Santos
Salto - SP

Ano dois

Há braços,
mas não abraços!
Pensei no sobressalto do despertar.
Ainda havia noite,
mas não havia mais sono.
A cada variante,
me transmuto com o vírus,
partes de mim são afetadas,
mesmo sem contraí-lo.
Não há álcool gel,
nem acessórios,
capazes de filtrar tais efeitos.
Alpha, beta, gamma, delta,
um alfabeto a percorrer.
Quantos alfabetos serão precisos?
A mutação do mantra:
“ninguém solta a mão de ninguém”,
entoado e repetido para dar coragem,
de repente torna-se:
ninguém mais pega a mão de ninguém.
Esperanças e perspectivas,
escorrem pelo ralo,
a cada lavada de mão.
Preços que aumentam,
acessos se escasseiam.
A poesia cada vez mais necessária,

diante da magnitude da vida
e do microscópico do vírus,
ou será, da magnitude do vírus
e do microscópico da vida?
A pandemia segue em alta cotação
no mercado nacional e internacional.
A vida segue em baixa:
das pessoas negras, dos povos originários,
das árvores, das águas, dos animais,
das geleiras que derretem.
A colonização segue em curso,
parceira da pandemia.
Tempo que passa para trás,
enquanto envelhecemos,
infância de brincadeiras proibidas.
O vírus segue encontrando brechas,
para driblar a imunidade,
e seguir prosperando em nós,
entre nós,
aproveitando-se dos nossos encontros íntimos,
dos momentos de prazeres compartilhado.
O prazer que há tempos é cercado por culpas,
agora carrega mais esta nuance.
Como a pandemia opera nos nossos desejos?
Em nossas culpas?
Corpos contidos,
mergulhados em álcool gel,
gargalhadas filtradas em PFF2.

não basta cercar o corpo,
há que cercar o ar.
Saudades de quando o risco de um encontro,
era “só” se apaixonar.

Renata Castro Gusmão

Porto Alegre – RS

Perplexo

Quem dera sorrir outra vez,
 hoje gris, triste, quanta insensatez.
 Procura, inspira suspira e o ar não vem,
 sê humilha penitente, pro cilindro de quem tem.
 Minha mente grita assolada nesse drama,
 pobre leito, que dor no peito, o coração inflama.
 Da fállica “eugenia” seguimos iludidos?
 E num engodo o algoz é aplaudido.
 Célere, célebre, fúnebre abismal,
 como peixe numa rede, lacrimoja o irmão num caos.
 E sem alento, sem capricho ou garantia,
 abatidos ... o povo nos tubos, luta todo dia.
 Nesse ópio, que articula e domina como avalanche,
 sem remorso, a ganância desnuda sua face num sujo
 lance.
 E pra'queles que implodem indignados a suplicar ajuda,
 sem adeus, pão e vinho, só migalhas na falsa ternura.
 Da inóspita utopia pra tolos, sem carnaval e cerveja de
 consolo!
 Insípido, inodoro, que enche o pulmão, aguardam vossa
 indulgência.
 Perplexo! ... sem clemência ou jogada de gênio,
 perde o pulso e se esvai mais um ... sem oxigênio.
 Minha alma tolhida, encarcerada, segue abatida,
 a prantear com amigos as perdas da vida.
 Mas como o sol que afasta a escuridão e o desespero...
 Coragem e fé... no repudio deste desterro!

Márcio Prado
Cerquilha - SP

Temente sem temer

A Pandemia.
 Em tudo o que ela toca, a representação do fim,
 ainda que exista o clamor pelo recomeço.
 Em sua presença se ouvem as preces de todo credo,
 no tremor das mãos que seguram o terço e no balbucio das
 palavras gemidas,
 com medo de serem ditas.
 Mas do medo se pode desafiar a sua presença.
 Do fogo que arde, sempre brota uma nascente de água
 límpida e corrente.
 Do vento que tudo arranca, serena a brisa, fresca e
 silenciosa.
 Da noite que escurece, clareia o olhar que a tudo ilumina,
 com seu brilho.
 Do grito, o silêncio que apazigua.
 Da dor, o conforto da alegria.
 Dos hemisférios, a união de todos nós.
 Da pandemia,
 o avesso que se transforma em abraço,
 e companhia para seguir em frente.
 Do recomeço o sorriso que alimenta e acalma,
 na inocência do olhar de uma criança,
 ou do pedido de paz de um ancião.
 Pois que tenha medo quem de tudo duvide!
 Quem não acredite que o Sol retornará no outro dia.
 Quem não sorria de noite,

ou quem não durma no balanço de uma rede na varanda,
numa noite escura.

O medo é invenção do desconhecido que te impede de
saber.

É criação dos desavisados que espalham notícias falsas.

É sentimento de derrota dos que não querem lutar.

É jardim sem cuidar, é flor sem florir, é querer sem se
dar.

O meu medo é igual ao seu medo.

O nosso medo, igual ao dos outros.

E o dos outros, igual ao de todos.

Sem medo,

não tem sentido seus opostos,

sua cara metade da vida.

Pois que dele emana a coragem,

o desafio do novo,

a persistência do erro, na tempestiva crença da vitória.

Que a vida recomece.

Sejamos fortes!

Marcelo Pereira Silva

Belo Horizonte - MG

Pan de Mia

Mastigo as folhas dos jornais

E cuspo as mortes noticiadas

A vida descapitalizada e descartada

E o cheiro insuportável dos cadáveres vivos

Transeuntes nauseantes das avenidas

Que se entrecruzam no Planalto Central.

Acendo um cigarro porque a vida perdeu valor

E a morte não mais assusta.

E daí? Alguém aqui, por acaso, é coveiro?

Tornamo-nos sim coveiros de sonhos abortados,

Sepultadores de esperanças apedrejadas.

Enterramos a dignidade, a ética e a decência

Em vala comum, em cova rasa.

“E il sono un becchino di prima classe”.

Não é a pandemia, não é o reino de Pan

Nem mesmo é o demônio interpretando a Besta

apocalíptica.

Somos nós, seduzidos novamente pela fascinação.

Somos nós que perdemos a sensibilidade

E lançamos fora a humanidade como papel amarrotado

Que se mistura dentro de um latão de lixo.

Carlos Carvalho Cavalheiro

Sorocaba - SP

A rua

Era um dia qualquer,
De um céu colorido.
Era noite gelada,
Com um vento zumbindo.
Era sol, era lua,
Nascendo sem parar.
Silêncio na rua,
Se fazendo notar.
Não passava por ela,
Viva alma sequer.
Remanso irrompendo,
Em avenida qualquer.
Da janela do quarto,
Vi passar dias, meses...
Como looping infinito,
Em ouvia, às vezes,
O silêncio da rua,
Por instantes ceder.
Passadas solitárias,
Sinfonia fazer.
Prometendo que um dia,
A rua ia voltar,
A se encher de pegadas,
De risadas lotar.
Vi passar pro trabalho,
Quem não tinha opção.

Com cuidado andava,
Levando a solidão.
Vi uma rua vazia,
Carregada de amor.
De vazio se cobria
Para evitar toda dor.
Vi os lábios cobertos,
O silêncio aumentando.
Toda mão não tocada,
Era mão se apoiando.
Tanto tempo passou,
Ate perdi a esperança.
Aquela rua feliz,
Tão distante lembrança.
Mas assim, de repente,
Foi que eu vi ressurgir,
Os grisalhos cabelos
Que me fizeram sorrir.
Era o jogo virando,
A rua renascendo.
Era vida voltando,
Uma promessa nascendo,
De amanhã um sorriso,
Ser possível de ver,
De uma rua bem cheia,
Novamente se ter.
Minha rua é qual outra,
Sem nada especial.

Era aqui era lá;
 Toda rua era igual.
 Era o mesmo silêncio,
 Hoje é a mesma esperança;
 De ter festa na rua,
 Ter abraço, ter dança.
 Antes era um trajeto,
 Levando a um lugar.
 Hoje é a promessa,
 De tudo terminar.
 Logo volto pra rua,
 Carregando no braço,
 Minha dose de amor,
 E nos pés o compasso,
 Por um novo amanhã,
 Um novo florescer,
 Logo volto pra rua,
 Logo volto a te ver.

Joice Poliana Wanner
São José - SC

Enquanto Me Aplaudes

Enquanto te aplaudo
 Eu fico a pensar:
 Será que te importas
 Com o teu próprio bem-estar?
 Enquanto me aplaudes,
 Peço que entendas:
 A tua saúde é maior
 Ante os meus problemas.
 Enquanto te aplaudo
 Fico a refletir:
 Será que o coronavírus
 Nunca irá te atingir?
 Enquanto me aplaudes,
 Saiba sem tardar:
 Não sou super-herói,
 Isso pode, sim, me matar.
 Porém a minha opção
 É de servir sem pesar
 Os prós e contras que existem
 Na nobre arte de cuidar.
 Por isso, eis-me aqui,
 Na linha de frente, a tratar
 Teus sintomas e medos
 Sem pensar no que virá.
 Temores, tenho os meus,
 Sempre na mente a assombrar.

Mas escolho pô-los de lado,
 Para tua saúde restaurar.
 Não é fácil trabalhar
 Temendo ser o próximo a cair.
 Mas para o teu bem, não posso
 Deixar tudo para trás e partir.
 Então, enquanto me aplaudes,
 Uma prece peço que faças:
 Que Deus nos abençoe e proteja
 E cubra o mundo com a Sua Graça.

Emanusa Lessa
Salvador - BA

Persona non grata

Integro o grupo de risco
 Guardo ogivas nos dedos
 Aciono temíveis pesadelos
 Nos disparos do meu grito
 Integro o grupo de risco
 Ao bombardear quimeras
 Fissão nuclear de ideias
 Calor e energia e conflito
 Participo do grupo de risco
 Ecoo saberes acumulados
 Deixo mais ameno o fardo
 E leio as linhas do sorriso
 Componente do grupo de risco
 Intérprete do canto-passarinho
 Suspirando as luas, devagarinho
 A vida nua despe o meu eu-lírico
 Componente do grupo de risco
 Teço as manhãs com fios de sol
 Conspiro no esplendor do arrebol
 Preencho de orquídeas o caminho
 Participo do grupo de risco
 Derrubo muros e castelos
 Religo pontes, edifico elos
 Convirjo a lucidez e o delírio
 Isolados deveriam ser os cretinos
 E a quarentena, para todo sociopata

Os espaços de poder viraram circos
 As tragédias, vistas da arquibancada
 Nessa sociedade vil, enfermiça,
 O poeta é persona non grata
 Pois atíça o fogo da cidadania
 E dissipa a crença infundada
 Nessa sociedade vil, enfermiça,
 É crucial toda forma de poesia
 Contra tudo que nos anestesia
 A favor do que nos sensibiliza

Pietro Lemos Costa
Brasília - DF

A máscara em três atos

I – Negar

Ele não usa máscara para amar a ti
 Sequer se esconde em farsa de aleivoso ser
 Não crê na dor da morte para assim viver
 E sem barreira alguma ainda te olha e ri
 Sem esconder o rosto para estar aqui
 Seus olhos vertem ódio para não te ver
 E aponta o dedo em riste como proteger
 O sopro da verdade que não traz em si
 E que não venha o luto então quebrar-te a crista
 Nem a magra o corte com sua foíce fria
 Pois não é a sorte de um negacionista
 Que assim desfaz do amor, da fé, da empatia
 Mas desmascarar a fraude de um egoísta
 É amar de máscara numa pandemia

II – Proteger

Ele usa máscara para te amar também
 Não tolda o rosto para te negar sorriso
 E vai sentir distante teu acenar conciso
 Mas em seu peito sempre vai morar alguém
 Que mesmo ao longe tua presença tem
 Qual o calor que aquece assim se faz preciso
 Arder em chama a falta sem deixar aviso
 Para sentir a todos sem tocar ninguém
 Não mais vê sentido em ser individual

Neste mundo onde ninguém vive singular
 Para encontrar sentido em renascer plural
 Uniu-se a outros tantos para caminhar
 Sem braços dados, sem alimentar o mal
 Te sorrir de máscara e o coração tocar

III – Salvar

Eles usam máscaras que riscam a cara
 Que fundo cortam epiderme, coração e alma
 De armadura branca para enfrentar com calma
 O desespero e a dor que seu mister ampara
 Em sua ciência que o destemor mascara
 A esperança afável em um olhar que acalma
 Quando o ar desaparece e a mão no peito espalma
 Saudando o bravo anjo que aos meus pés me encara
 São todos mais que heróis em nossa companhia
 Generosa hoste trava a luta desigual
 Trazem consigo conhecimento e empatia
 Majestosas armas a combater o mal
 Que nunca mais será chamado pandemia
 Vai se chamar passado em um porvir normal

Leandro de Araújo

Esteio - RS

Que rua é essa!

Que rua é essa onde não há ninguém!
 Está tudo fechado
 O povo trancado
 O coração apertado
 A alma refém!
 Já não vejo um sorriso
 Escondê-lo é preciso
 Pois dizem que é assim que faremos o bem!
 Não saia!
 Não praia!
 Não abrace!
 Não vá!
 Não beije!
 Não veja!
 Não creia!
 Não há
 Uma cura segura!
 Ele vai te pegar!
 Se acaso pegar
 Não vá se alarmar
 Mas fique em casa
 Sem respirar!
 Porque o hospital está cheio
 O dinheiro não veio!
 Quer dizer, ele veio,
 Mas quem é que sabe
 Onde foram gastar!
 E no meio de tudo

Surge a questão:
 Fico em casa,
 Mas, e o meu pão?
 A polícia me prende
 Se eu saio à rua
 Se vou trabalhar
 O prefeito me autua!
 — Mas eu já não tenho
 Nem feijão, nem arroz!
 — Dá-se um jeito!
 Criança que chora vê-se depois,
 Mas fique em casa, pois!
 Uns dizem que é fraude
 Outros dizem que não
 Ninguém se entende
 Até mesmo a ciência perdeu a razão!
 — Existe um remédio!
 — Mas não faz efeito!
 O bom é esse aqui, ó
 Não tem garantia
 Mas me fará eleito!
 Parece que alguns
 Tentam o melhor
 Enquanto outros
 Querem o pior?!
 Tem um que debocha,
 Um outro agradece,
 E no meio de tudo
 A gente padece,
 Pois, enquanto os caciques

Brigam entre si,
 Fica nos olhos o desespero
 Do ar faltando...
 Das contas chegando...
 Mas não tenho dinheiro!
 Para pagar o imposto,
 Para comprar um pão...
 Já cortaram a luz...
 Daqui a pouco é a água...
 E então...
 Dizem que isso é pandemia
 Mas não sei se é de vírus
 Ou se é de agonia,
 Se é de maldade
 Ou de hipocrisia!
 Só sei que na rua,
 Antes cheia de vida,
 Hoje passam os corpos...
 Em viagem de ida...
 Sem despedida...
 Sequer um adeus!
 E eu?
 Eu só digo:
 Meu Deus!
 Meu Deus...

Wilson Pailo
São Paulo - SP

em triste primazia

- e apesar de todos os problemas que ao passado então nos
apraziam -
meado tempo atrás nos veio
a pandemia.
na veia afligiu
todo modo do ser e do estar,
após diversas gerações e mais ainda estações.
às máscaras restam mascarar
e proteger e perceber e se distanciar
de quem não as sabe usar.
se lá atrás, quem nunca se atina
e, agora pela rima,
não comprou vacina...
só restam, sem nem mais florestas,
as arestas vazias
de poéticas galhardias.
e, ainda,
sem ironia:
aqui se abrevia
o todo que se fez
poesia

Paulo Henrique Canhoto Alves
São José do Rio Preto - SP

O mesmo ar

Reclusos poetas de pijama
De caderno e lápis na mão
Ou em máquinas de escrever
Tecendo diários e canção;
Yogues meditando ao amanhecer
Ou lendo Clarice, Drummond, Quintana,
Cecília, Carolina de Jesus.
Norte a Sul do nosso continente
Rio Amazonas, Curu, o Pantanal.
Amigos de Sobral ou de Milano
África, Ásia, Oceania
De todo canto mil relatos
Notícias quantas tristes fados
Rondando meu pequeno arraial;
Floristas em diminutos jardins
Ciclistas frente ao computador
Crianças pintando os setes
Família inteira no sofá
Músicos vestidos de espadachim;
Caixa de fósforo agogô
Tamborete, panela, tambor
Café, beiju, maracujá
Livro, caderno, celular
Filmes, novelas, afins;
De pijama até meio dia
Gentes sozinhas em casa,

Outras caminhando sob o sol
Ou dormindo sem sonho ao luar
Um amigo pede um favor
Outros não podem quarentenar;
Em casebres, mansões ou palácios
Cristãos, ateus, falsos profetas
Respirando um mesmo ar
Máscaras marcando os rostos
Noutros palcos de repente a atuar
Declamando verso unívoco
De apelo ao em casa estar;
Dos quintais olham o luar
Outros (ainda) sem nome
Ou em dor de estômago vazio
Sem pão, sem água, esperança
Mas sem medo da onda passar;
Notícias do mundo, tantas
Impossíveis de todas abarcar
Alguém conta de muito longe
Alguém liga doutro continente
O mundo abalado, que sente
O silêncio de muitos...
E tantos silêncios
Esperando a tormenta passar;
Noivos aguardando o casório
Surfistas bem longe do mar
Gentes estudando em casa
Outras sem escola, sem lar;

Médicos cuidando da vida
E médicos enfermos sem ar
Policiais de armas na mão
Vigiando a cidade calada, vazia;
Vozes cantando, às varandas:
Amanhã será outro dia...
Só os pássaros livres voam
Parecem até mais alto cantar
O céu parece mais azul
Há dias a porta cerrada
A campanha parece calada
A rua dorme silente
Até amanhecer o nascente
Outra luz para onde olhar
Sem pijama, sem o doente
A sombria casa em frente
Solitário funeral,
Quem partiu sem despedida
Entes queridos a chorar
De mãos em coroa de flores
Pra depois no túmulo deixar

João José da Silveira Santos
Paracuru - CE

Um (in)visível ser

Um ser invisível
Que tão visível se tornou
Tantos hábitos mudou
O mundo transformou
E tantas vidas levou...
Surgiu, pois, a pandemia
Deixando o mundo em agonia!
Nos pensamentos
Sobejam lamentos
Turbilhão
De sentimentos
Perante informação
Constantemente atualizada
Quanta solidão
Que já nem é disfarçada
O mundo parou
E a natureza respirou
Surgiu a pandemia
Deixando o mundo em agonia
Porém, mais em sintonia!
Pois sem esforço conjunto
Não haverá tréguas
Aqui ou a mil léguas
Seja aonde for
Com ódio ou com amor
Que cada cumpra o seu papel

Que seja peça deste carrossel
(Em alinhamento
Neste louco movimento
Em constante mutação)
Com a força da razão
Vale a pena o sacrifício
Neste já longo suplício
A luz, ao fundo, já se avista
Deste túnel, que a todos alista
De que sairemos
Com o auxílio da ciência
E de toda a sapiência
Individual e coletiva
Entreajuda construtiva
Partilhando oportunidades
Atenuando desigualdades
No combate a empreender
Que haveremos de vencer!

Ana Rubina Abreu de Freitas
Ponta do Sol - Portugal

Clara evidência

Uma sombra se avizinha
 Há em cada janela, à espreita,
 um perigo divagante, alheio às castas,
 às patentes e potências.
 Uma sombra se avizinha...
 Projetando nas paredes do mundo
 fantasmas da solidão
 imposições ideológicas
 demandas científicas
 mesquinhos interesses
 mazelas políticas e sociais
 pessoas de caráter virulento.
 Uma sombra se avizinha...
 E prisioneiros consensuais olham
 através do horizonte das máscaras
 corpos exauridos em série,
 sem direito a despedidas
 abraços ou últimas confissões.
 Veio para varrer certezas.
 Instaurar inquietudes.
 Uma sombra se avizinhou
 Mas com sua sombria presença
 por mais insano que pareça
 acendeu um fio de lamparina.
 E na luz bruxuleante dançam
 contornos vazios de si,

sedentos de ocupação.
 Abrindo gavetas da saudade,
 da bem-querença, do perdão.
 Uma sombra se avizinhou
 E ensinou a enxergar no escuro
 Que a vida vale o penar
 Que a vida cobra seu preço.
 Uma sombra se avizinhou...
 E por um breve tempo
 houve trégua para o mar
 silêncio para ouvir a lua
 liberdade aos pássaros
 flagrante a uma estrela cadente
 lágrimas por derramar...
 Uma pausa. Para se reinventar.
 Uma sombra se avizinhou
 E os estilhaços se aninharam
 nas retinas caleidoscópicas
 das lembranças.

Maria Cândida Figueira
Pirassununga - SP

Pandemia na poesia

A pandemia vive na poesia
Da utópica realidade
Onde a imaginação cria
A infinita criatividade.
A poesia é a arte da terapia
Cuja poderosa musicalidade
Para iluminar a humanidade
Atua sobre a pandemia.
A poesia é a voz do coração
É o canto das puras intuições
Numa sinfonia de emoções
Que acalenta a duvidosa razão.
A poesia é a imortalidade
Perdura para além do ser
Ao futuro dá oportunidade
O passado nos faz reviver.
A poesia é a arte de viver
É a memória da geração futura
Numa ânsia de poder aprender
E acreditar numa vida segura.
A poesia é a arte sublime
De amor e paixão enaltecer
A vida que esta imprime
Sem a pandemia não temer.

Agostinha Monteiro
Vila Nova de Gaia - Portugal

Poema estranho

Conceber um poema estranho
Ver no rosto do outro a máscara
E na cidade
Sussurro de medo
Sentir no peito a saudade
Ver um país
Que não reconheço
Buscar no poema estranho a brecha
Que entranha o futuro
Perceber que o tempo é ainda um mistério.

Brunno Vianna de Andrade
Rio de Janeiro - RJ

Tempo de Tormento

Tormento

É sua casa ser seu cárcere e seu forte

É estar sempre em guarda

Por medo da morte

É temer um toque

Recusar um abraço

É deixar a solidão te afogar

Gastar toda distração

E tentar compensar

Com produção o sofrimento

Dois anos

Nada que um dia apreciei

Será de novo apreciado

Do mesmo jeito

Medo há

De ter perdido o paladar

De conhecer novos sabores

Só pensar nos anteriores

E a boca sempre amargar

Amargor

É presente do isolamento

Preso em dias iguais

Ficar totalmente incapaz

De distinguir a passagem do tempo

É confundir os dias da semana

Os maios, abris e setembros

Sentir que amadureci demais

Pra tão pouco envelhecimento

Recordar é doer

Reprimi tanto minhas lembranças

Que elas cansaram de existir

Tantos retratos do passado

Que, desculpe, eu perdi

Pois o presente era desgosto o bastante

E o futuro ainda era distante

Agora, estou aqui

Esqueci o que passou

E não sei o que está por vir

Só sei que as ruas

Ainda são bailes de máscaras

As festas, tragédia anunciada

Bocas nuas,

Atentado ao pudor

Vida é coisa que acaba

Quem é imune à ignorância?

Qual a vacina para a dor

Da perda?

Qual o ônus de precisar

Esconder o sorriso

Se não estou sorrindo?

Maria Clara Carvalho

Itatiaia - RJ

Desperte-me

Desperte-me
 Quando tudo tiver acabado
 Quando o mundo estiver são e salvo
 Quando toda a loucura tiver sanado
 Acorde-me
 Quando toda insegurança desaparecer
 Quando toda ansiedade evaporar
 Quando a paz finalmente prevalecer
 Desperte-me
 Quando o isolamento não for mais senhor
 Quando a solidão não for mais minha única amiga
 Quando o silêncio não for mais tão ensurdecidor
 Acorde-me
 Quando todos os dias não forem mais insípidos
 Quando o modo de sobrevivência não for mais requerido
 Quando eu finalmente puder respirar com alívio
 Por favor, desperte-me
 Quando a morte não for mais uma constante
 Quando o luto não for mais insuportável
 Tornando nossa existência insignificante
 Por favor, acorde-me
 Quando beijos e abraços puderem ser presenteados
 Quando meu corpo faminto puder finalmente
 Com a suavidade do seu toque ser alimentado
 Então, desperte-me
 Quando meus sentimentos não estiverem mais embotados

Quando minha mente não estiver mais envenenada
 Quando meu coração não estiver mais fragmentado
 Então, acorde-me
 Quando você trazer o antídoto para minha alma
 Quando você suspirar meu nome em meu ouvido
 Quando você vier curar os meus traumas
 Só então
 Apenas então
 Ouça meu clamor
 Por favor, desperte-me, meu amor

Rafaela Cunha da Silva

São Gonçalo - RJ

Linha de frente

No momento em que o contágio se espalhou
e o mundo pareceu entrar num modo estático
Eles e elas se mantiveram em cena
como uma máquina que nunca desengrena.
Por todo canto da cidade
Por toda zona de campina
agitaram-se os corpos num vai e vem
levando a cabo as demandas de alguém
Os operários com as máquinas rolantes
não puderam sossegar por um instante.
Os professores numa sala improvisada
mantiveram a turma toda atenta
Os camponeses em um sol incandescente
enfrentaram o tempo seco pela frente
A falta de insumos costumeiros
dificultou a ação dos enfermeiros
Os tele atendentes em chamadas incessantes
madrugaram com clientes irritantes
Os entregadores acelerando na avenida
tiraram o atraso pra não esfriar sua comida.
Segurando firme o entulho e o caminhão
a garizada a caminho do lixão
Arranhando suas cordas instrumentais

o violeiro em suas lives musicais
Os trabalhadores,
as trabalhadoras,
foram a linha de frente
em qualquer situação.

André Eitti Ogawa

Florianópolis - SC

Ambivalência

A chuva vem, lava a nossa verdade,
 E molha nosso mundo pós-pandemia.
 Há pessoas que não veem a tempestade,
 E há quem a encontra todos os dias.
 (Não sei quanto a você,
 Mas quer saber o que eu vi?)
 Muitos de nós estamos mais unidos,
 Os abraços tidos como marca registrada.
 Outros, afastados dos entes queridos,
 Não sabem mais andar de mãos dadas.
 (Não sei quanto a você,
 Mas quer saber se eu me uni?)
 Com o mundo dividido em suas metades,
 Uma ambivalência feia, forte e fria,
 Há quem escolhe fazer a pior maldade
 E há quem espalha a mais doce alegria.
 (Não sei quanto a você,
 Mas quer saber o que eu escolhi?)

Jonatas de Souza Jacinto
 São Paulo - SP

Interlúdio

Para Mariana

Na minha rua há uma menina triste
 que da janela a observar lá fora,
 mal sabe ela que um poeta existe
 a escrever-lhe este poema agora.
 E a menina, então, tem na lembrança
 aquelas tardes ao voltar da escola.
 No carrossel, onde ensaiava dança,
 ficou a saudade; o tempo não se isola.
 E o poeta, um Rimbaud perdido,
 a consolar a filha
 inventa suas histórias:
 o que fazer em plena pandemia?
 Há de tirar do tédio melodia,
 lavar as mãos, dependurar memórias.
 Fazer da máscara, doce alegoria.
 E na janela, passam a noite e o dia.
 Em nossa vida, ilha provisória,
 faz-se da espera e medo: poesia.

Marcelo da Silva Rocha
 São Borja -RS

Gaia adoeceu

Gaia agoniza sobre o seu leito azul
 Estertores ecoam pelo mundo
 Dispneia, Diarreia, Arritmia
 Ventilação mecânica sob o céu azul
 Gaia reage e luta, sua natureza é selvagem
 incêndios florestais, degelo do Ártico,
 inundações, efeito estufa
 tempestades no Atlântico, terremotos,
 erupções vulcânicas e deslizamentos de terra
 Foi aberta a temporada de furacões
 um tufão no meio do verão, buscava
 “o último raio de Sol”
 Pós verdade. Pós Pandemia
 O Vale da Morte onipresente
 Onisciente sabe tudo
 Das crises migratórias e ouve
 O silêncio dos que não se despediram
 Há cartas de boas intenções,
 E políticos em reuniões
 Mas delas o inferno está lotado
 Gaia medeia a nos tirar o ar
 Que ela possa enfim respirar.

Edra Ferreira de Moraes

Curitiba - PR

Sopro

Adiados sonhos
 Sonhos marcados
 Marcados encontros
 Encontros chegados
 Chegando a hora
 Hora esperada
 Esperança no peito
 Peito: oxigenado.
 Oxigênio lá fora
 Fora a demora
 Demoram trancados
 Trancas do medo
 Medo de nada
 Nada do tudo
 Tudo que dói
 Dores: curadas.
 Cura, mundo
 Mundo, és fruto
 Fruto dourado
 Doura a vida
 Vida vence
 Vence o vírus
 Vírus morre
 Morte, finado.
 Infinda, linda
 Bela, livre

Liberdade, ar
Ardor, amar-te
Ama, humanidade
Humano coração
Coragem, compaixão
Voa!
Abre as asas...

Gisela Lopes Peçanha
Niterói - RJ

Solidão às avessas

esse vírus é uma
solidão às avessas
o silêncio não vence
nem cria coragem
nesse marasmo
de incoerências
veja que fardo
é levar sozinho
a virtude
e a contenda
ao abraço
de um futuro
que talvez
nem aprenda
que o mundo
é só o resultado
dessa gente pequena
gente que sabe
da morte
muito menos
que da própria
existência

Vanessa Trajano
Brasília - DF

Espera

Chaves Penduradas
não abrem portas.
O quadro velho
pinta lembranças.
A porta entreaberta
desperta curiosidades
O violão pendurado
espera dedos
soa descanso
O gato espera carícias
ou ração
A luva espera mãos
sem calos
A planta
água
Corpos
abraços
que não virão
nem apertos de mão
nem beijos na face
distâncias guardarão
dois metros

James Berwaldt
São Leopoldo -RS

Página...

A página está sendo virada
Na vida dessa humanidade.
O vírus deixou-a desorientada
Não tem classe social, nem idade.
Todos acuados em suas casas,
Um... dos outros, pessoas apartadas.
Agora sempre com as mãos limpas
E sorrisos tampados por tarjas.
Saudade dos gostosos abraços,
Encontros animados com amigos,
Da liberdade doce que tínhamos.
Esperança de dias fascinantes.
Que tudo volte a ser como antes,
Leve como plumas flutuantes.

Eliane Cristina da Silva
Santa Bárbara d'Oeste - SP

Contágio

Motorista há vinte e um anos
De transporte coletivo,
O senhor Raimundo Nunes
É um cidadão prestativo.
Tendo esposa, quatro filhos
E um bem modesto salário,
Jamais se furtou de ser
Com os pobres solidário.
É homem de poucas letras,
Mas de muita educação.
Luta contra o diabetes
E também hipertensão.
Agora se mostra exausto
Porque o labor foi puxado,
Dirigindo o tempo inteiro
Transporte superlotado.
Pensa no cara sem máscara
Que transportou noutro dia
Espirrando vez em quando
Ao sabor da ventania.
Quando acaba o expediente,
Longe de um porte de atleta,
Raimundo volta pra casa
Numa velha bicicleta.
Tira a máscara do rosto.
Está tossindo e ofegante.

Reside há mais de uma década
Num bairro muito distante.
Às quatro da madrugada
Começa a se lamentar...
O cansaço e a tosse aumentam.
Não consegue respirar.
Depois de cinco semanas
Arfando e sofrendo tanto,
Raimundo enfim descansou
Na terra do campo-santo.

Marcos Ferreira

Mossoró - RN

Dido, a infeliz

As musas perderam seu canto
na chegada do mês mais cruel
as filhas da desejável Memória
em profundo sono se esqueceram
das desolações de outrora, incurável
Dido, injustamente desavisada
no típico equinócio de outono
foi pelo cupido em ócio flechada.
Desconhecendo seu precipitar nas trevas
após o rei cruzar o equador celeste
ao conhecer a vindoura aliança longeva
abruptamente levada pelo mal do leste
bem quisera ordenar ao sol paralisia
para abraçar sua recente paixão
ou congelar aquele sereno dia
para não morrer de frio seu coração

“Amarraram meus pés e mãos
taparam, de repente, minha boca,
trancaram com corrente meu pulmão
e a abismal distância me fez oca”

Meses nascem e morrem,
cavando covas incontáveis
mas as chamas ardam até ontem
pois do fado novas irrevogáveis
devastaram de Dido as entranhas

despencando do céu montanhas
de lágrimas em dor infinda

‘Memento mori’ ou sorria
o assolador oriental ceifou
os enredos, as formas, a vida
Virgílio como guia não se apresentou
Para tirá-la da tenebrosa selva, servida
dos cacos fantasmas da viúva querida

O fado, quer dos deuses ou dos vírus,
arrebatou Enéias de sua amada, altivez
e infeliz descuido de Baco e Hórus
ao lançarem fora as chaves da sensatez

‘A única salvação para o vencido
é não esperar salvação alguma’
visto que o mundo tombou entorpecido
Pois tal tragédia não teve augura
nem veio a cavalo, sem alarido e trombeta
invisível, acometeu-nos o mal disfarçado
Nenhum sobrevivente incólume, obsoleta
vitalidade, que escapou ao seu amado
Maldito divorciador dos espíritos,
de Dido só restaram os detritos.

Willian Vitor Orlandi
Indaiatuba - SP

O fio

O fio partiu-se de repente
Foi fim que enunciava
Um silêncio eloquente
Onde a palavra sufocava.

Mais que o fio da navalha
Cortava como uma foice
Desimportando quanto valha
Tempo, fortuna...o que fosse.

Assim desfiando desfilavam
Em quarentenas-corrupios
Desejos que desenredavam
Sem poderem ser desafios.

Na teia assim retecida
Redesenhou-se a tecitura
Viralizando a adormecida
Percepção de conjuntura.

E detrás da vida imunizada
Num misto de luz e calafrio
Há a verdade “entesourada”
A existência é por um fio!

Jamile do Carmo

Nurembergue - Alemanha

Covidioso

Micro vivo-morto,
Parasitário,
Mais que quântico,
Tão menos romântico.

Temerário, quiçá temporário,
Da vida se faz
Mas a vida, aniquila,
Mesmo vida leve e tranquila.

Agreste,
Algo mais que peste,
Um mal inconteste?

Preste,
Cruel, estarrece,
Encoruja e entristece.

Se esconde.
E o homem a terra nua, escava.
Seu igual na terra escavada, enterra.
Eis o mal que assim se revela.

Se replica.
E o homem de mente obtusa, renega.
Seu igual de claro pensar, rechaça.
Este mal que vem e se passa.

Se espalha.
 E o homem na terra viva, inspira.
 O mal o cerne que o inspirou, abrasa.
 Este mal que de mal perpassa.

É mal,
 Mal que mata,
 Que maltrata,
 Mal e bem,
 Mal de que se faz o bem,
 O bem que nos leva além.

É mal e bem,
 É morte e vida,
 Aqui e além,
 É Alfa e Beta,
 É Gama e Delta,
 É a pergunta e a resposta...

Mas se quer saber, isto pouco importa.

Seja momento,
 Seja cura ou sofrimento,
 Seja luto ou livramento,
 Ó, ermitão campesino,
 Cruel assassino,
 Seja o que seja,
 Mas se é nossa sina...
 Então se vá!

“Ora, do que reclamas, se tu me chamas,
 Eu, que vim das longínquas plagas orientais,
 Jazia aquietado, de todo modo integrado
 Em incontáveis meios, em tudo naturais.”

“Tu vens em tua gana, avidez atroz e insana,
 Vil ganância que te cega ante teus tais,
 Vens te espalhando, a tudo devastando,
 Te impondo cada vez mais e mais.”

“Para o teu par pouco olha, os teus frutos, ignora,
 Tudo em teu tempo é para teu irrefreável intento,
 O progresso a todo custo, o regresso que apavora,
 Tua cobiça, prepotência, é tua ruína que aflora!...”

“Eu fiz mostrar-te, deveras rude, com muito aparte,
 Mostrar-te, quão raso és e o que de vero importe,
 De minha parte, pungente, te avizinhei ao odor da morte
 Mas ainda, tu asseveras a tua sorte.”

“Sim, eu vos encerrei, por certo, vos segreguei,
 Muitos eu matei..., mas para ver o amor renascer
 E no raiar dos novos dias, ver este amor crescer,
 O pavimento sobre o qual, rogo, quando eu menos aqui
 jazer,
 Nesses novos dias..., vós haveis de vos manter.”

Willians Boves
Porto Feliz - SP

Pandemia do ódio

Vós...

Em plena crise global

Vírus e línguas mortais

Oratórias celestiais

Contrapondo a atitudes boçais

Orações individuais

E mortes plurais

Notícias e mentiras nos jornais

Tão trágicas e iguais

Aos ouvidos soam normais

Fofocas e acusações triviais

Bocas sanguinárias e superficiais

Discursos violentos e artificiais

Filosofias antissociais

Outorgai...

Velhas gramáticas bestiais

No imperativo apenas um verbo... odiai!

Cíntia Abreu

Cascavel - PR